
PASSAGEM DE COMANDO NA ESG

*Palavras do Ministro da Defesa, Celso Amorim,
na passagem de comando da Escola Superior de Guerra*

Rio de Janeiro, 6 de maio de 2013

Senhoras e senhores,

Eu quero ser muito breve, para não repetir o que já foi dito no elogio que fiz ao General Cherem.

Mas sendo essa a primeira vez que me coube presidir a cerimônia de passagem do cargo de comandante da Escola Superior de Guerra – primeira e possivelmente a única, não sei –, eu quis dizer algumas palavras.

Em primeiro lugar, um agradecimento muito pessoal ao General Cherem, pela cordialidade com que mantivemos o relacionamento, e pela cordialidade com que me recebeu aqui como um inquilino das sextas-feiras, às vezes das segundas-feiras e em outros dias de semana, quando me tocou estar presente em cerimônias ou em eventos no Rio de Janeiro.

Sempre tive com o General Cherem um contato muito agradável, muito cordial e tenho certeza que a vida dele, acompanhado pela dona Adelaide, seguirá a ser uma vida de êxitos, de felicidade, dedicada aos netos, mas seguramente ele não deixará de ser chamado para outras tarefas, outras palestras onde os seus ensinamentos serão úteis.

Eu queria dizer essas palavras pessoais, não só de agradecimento, mas também desejando-lhe os votos de muitas felicidades.

E queria também dar as boas vindas ao Almirante Leal Ferreira, que demonstrou hoje as suas virtudes, inclusive militares, de enfrentar os contratemplos e as intempéries, e aqui está assumindo esse cargo.

Como solidariedade, eu gostaria de dizer-lhe que, embora pareça o contrário, esse evento pode ser um sinal de sorte.

Eu me recordo que, quando fui convocado pela primeira vez – pela única vez – para ser Secretário-Geral do Ministério das Relações Exteriores, também sofri – não uma pancada vinda de fora – mas vinda de dentro, uma crise de diverticulite.

E até hoje eu atribuo, talvez, a minha permanência no cargo e alguns fatos que ocorreram depois a essa inesperada vicissitude do acaso.

Então, espero que o seu enfrentamento dessa manifestação da natureza seja um prenúncio de êxito não só na Escola, mas no futuro.

Eu queria, muito rapidamente, dizer da importância que atribuo a esta cerimônia e a esta Escola.

Creio que o General Cherem é testemunha – e assim se expressou – da atenção que procuramos dar ao apoio financeiro para a realização das viagens e dos cursos (que, evidentemente, implicam também despesas, mas despesas muito necessárias e fundamentais).

Isso tem uma importância muito especial para a Escola Superior de Guerra.

Eu acho que os cursos novos que foram aqui introduzidos, em Brasília ou no Rio de Janeiro, já demonstram essa capacidade da Escola Superior de Guerra de se atualizar.

Houve quem dissesse uma vez sobre o Itamaraty – mas eu acho que isso se aplica seguramente à Escola Superior de Guerra – que o Itamaraty era uma casa de muitas tradições, mas que a melhor tradição era a de saber renovar-se.

A Escola Superior de Guerra está justamente em um mundo que está se alterando dia a dia.

Ela nasceu sob o signo de uma bipolaridade em que a tomada de partido de um lado ou de outro da Guerra Fria era quase uma necessidade moral de uns ou de outros, para qualquer que tenha sido o partido que tenha sido tomado.

Hoje vivemos em um mundo muito diferente.

Um mundo marcado pela multipolaridade, um mundo em que, na América do Sul, os nossos rivais tornaram-se os nossos principais associados, os nossos grandes aliados.

Um mundo em que a África, que se dizia antigamente ser “outro horizonte”, vai se tornando cada vez mais próxima, e sobre a qual temos que pensar não só em termos de cooperação, mas também de preparo na ajuda aos nossos irmãos africanos e também no nosso próprio interesse.

Enfim, um mundo totalmente novo, cheio de surpresas, cheio de incertezas – e se algo é certo nesse mundo totalmente novo, é que nós brasileiros e as Forças Armadas brasileiras terão que continuar sendo vigilantes na defesa da pátria, na defesa inclusive dos recursos naturais, que se tornam cada vez mais escassos e que podem se tornar objeto de uma indevida cobiça ou por quem quer que seja.

Então, não se trata de procurar quem são os amigos e quem são os inimigos.

Claro que temos que saber quem são os amigos, mas graças a Deus, em parte, e à nossa história e à nossa diplomacia, se me permitem dizer, não temos inimigos.

Mas sim, temos recursos humanos e materiais que têm que ser protegidos.

E isso é uma tarefa insubstituível das nossas Forças Armadas.

Por isso a Presidenta Dilma Rousseff tem procurado, na medida do possível, apesar das dificuldades da hora em que vivemos, demonstrar o seu reconhecimento às Forças Armadas, ao seu fenomenal componente humano, mas também, na medida do possível, ajudar a reequipá-las de forma adequada para que elas estejam à altura da defesa desse nosso grande país.

Ao me despedir – despedir provisoriamente, eu como diplomata de carreira estou acostumado a despedidas, mas vejo que elas, em geral, são apenas um prenúncio de reencontros – ao despedir-me do General Cherem e ao dar as boas vindas ao Almirante Leal Ferreira, gostaria de dizer do meu apreço a esta instituição e da honra que tenho de estar nesta cerimônia.

Muito obrigado!